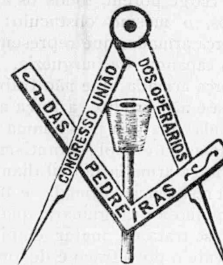
Anno II | 1º de Maio de 1906 | Num. 28 especíal

O CONGRESSO

Orgão de propaganda do Congresso U. dos O. das Pedreiras

Redactor: MARCELLINO RAMOS

Subscripção annual 3$000 | **Residencia: RUA DA PASSAGEM 36**

União e Resistencia | Publicação quinzenal regida por operarios | Liberdade e Justiça

1º DE MAIO DE 1906

Anniversario do jornal O Congresso. Commemoração do 1º de Maio. As oito horas. Os Martyres de Chicago.

Mais um anno voou nas azas eternas do tempo. O chronometro dos seculos signou, no espaço infindo em que roda o nosso planeta, o 1º de Maio de 1906.

Sinos, dobrai a festa para annunciar a grande data, proletarios recolhei-vós, é o dia sacro á humanidade, é o dia santo dos trabalhadores.

E' o dia em que a alma operaria de todo o mundo symboliza a fraternidade de todos os opprimidos, a abolição das fronteiras, a paz e a Justiça.

E' o dia que fez vibrar a primeira scentelha da grande futura Patria, o Mundo todo a Humanidade toda!

E' o dia das recordações sublimes, do recolhimento de nossa intellectualidade para commemorar dignamente os martyres magnanimos da ideia, é o dia que rammemora ao proletariado o seu direito, a sua dignidade.

Trabalhadores d'aqui e de além mar, homens d'esta e d'aquella nação, d'um e d'outro continente se abraçam na magnitude do ideal: Amor, Verdade, Justiça.

As seitas se confundem, a mentira dos dogmas e os seus sacerdotes offusca-se, ennegrece, os preconceitos e orgulho patriotticos esquecem-se, a realeza e os potentados desprezam-se, o ouro provoca irrisão: a mente só contempla a belleza, a mascula belleza da magestade humana que surge no templo immenso da natureza, ao esplendor irradiante da sua força e do seu direito.

E' a victoria da creação, é a conquista da sciencia que chegou ao auge afugentando a ignorancia e a superstição, é o Eden promettido pelo anarchista de Nazareth aos longiquos filhos dessa terra hoje de crimes e de pranto!

E' o dia que insinuou, atravez o rodar da historia, a formação da consciencia da humanidade n'um só ideal, n'uma só fé, n'um só desejo — paz, trabalho, fraternidade — n'um só modo de ver e de interpretar — o Vero, o Bello, o Justo, o Bom.

. . . .

Primeiro de Maio de 1906 que tu sejas o bem vindo!

Companheiros, saúde a nós em todo o mundo. Viva o 1º de Maio que vem renovar o pacto de solidariedade e de reivindicações entre os proletarios do universo!

* * *

Ha um anno, no dia 1º de Maio, publicou-se o primeiro numero d'esse nosso modesto jornal «O Congresso».

Um punhado de companheiros, desses em cujo cerebro arde o fogo da Liberdade e o amor de proximo, desses que da dignidade dos trabalhadores fizeram o seu culto, e dos direitos do homem a sua religião, fundou-o.

Disse um eminente philosopho que a emancipação do proletariado deve ser obra do mesmo proletario. E é a motivo desse conceito que foi resolvido redigir esse nosso periodico em que exclusivamente nos, operarios canteiros, collaboramos.

Muitas foram as difficuldades a vencer, a maior das quaes a apathia dos companheiros mal aconselhados ou incoscientes, porém todo obstaculo foi pelo nosso enthusiamo superado, e o jornal «O Congresso» se bem que hostilisado e perseguidos e calumniados os seus collaboradores affirmou resoluto o seu lemma de liberdade e reivindicação, vencendo todas as battalhas por elle engajadas, desfraldando audaz a sua bandeira de guerra, hoje temida e respeitada.

As suas columnas são franqueiadas a todo trabalhador em defeza do fraco e do desprotegido, a sua missão é a de proteger a classe dos canteiros na luta contra o capital, instruir ao proletario e fazer propaganda libertaria.

E «O Congresso», companheiros, chicoteou a sangue os exploradores do suor dos canteiros, ném valerão as ameaças e os capangas da burguezia: a commissão do jornal manteve-se no seu lugar de combate, firme como o rochedo e digna da confiança que nella depositaram os companheiros.

Adiante, proletarios. Segui todos ao vosso guia, ao «Congresso», e preparai-vos com todas as forças a lutar pela Liberdade certos de que encontrareis sempre o vosso pequeno mas honrado jornal lá onde o combate é mais renhido, e o seu pendão rodeado pelos seus redactores pugnando sobre as barricadas.

* * *

Oito horas de trabalho!

Essas palavras, em forma de protesto, se repetem em alto brado todo 1º de Maio pelo mundo proletario. E todo anno, na mesma recorrencia, nesta ou naquella cidade, engaja-se a luta pela conquista desse direito, scientifica e praticamente provado eminentemente de justiça.

Surge porém, todos os annos, o mesmo obstaculo: a força armada, que representa os capangas da burguezia. A força armada que não trabalha e não produz, a força armada que tem por lemma a vadiagem e o obscurantismo, a força armada tão vil diante da resistencia armada e tão orgulhosa e sanguinaria quando se trata de matar empiamente o povo fraco e desprotegido que a sustenta, que lhe dá a comer, a força armada, digo, companheiros, é o nosso capital inimigo, o inimigo jurado da liberdade e do proletario.

E os nossos irmãos de miserias, que atiraram-se por generoso impulso, a luta pelas oito horas de trabalho, foram todos barbaramente sacrificados.

Na Russia o infame Trepoff dentro da lei, no Brasil o snr. Cardoso de Castro fora da lei.

Aqui os factos são conhecidos. Um doutor-carrasco, homem sem consciencia e todo orgulho, humilde e adulador com os poderosos, presuntuoso e autocrata com os fracos, servidor sem escrupulos de Cardoso de Castro, pratica toda sorte de attentados contro grevistas que se manifestam pacificamente. Lá, na Russia, o vandalismo dos cossaccos,o carcere duro, as mortes, o gelo das Siberías.

Em Chicago a forca, na Hespanha a tortura!

Eis a obra fatal da força armada, eis o obstaculo que é preciso, companheiros, vencer fazendo uma forte propaganda anti-militarista, votando o maior desprezo, homens e mulheres, a tudo que veste farda, affiliando-nós todos a um só pensamento e agindo de forma que, quando dar-se o signal da luta, a força armada tenha de enfrentar não mais poucos temerarios ardentes de fé mas debeis pelo numero e pelas controversias com os companheiros incoscientes, mas o povo todo e immenso e a sua colera tremenda.

Já dizem basta os martyrios: o 1º de Maio não é mais uma festa, é o dia dos mortos — a chronologia dos martyres proletarios.

Companheiros, tirae o chapéo, chorae ante o altar santo do ideal, pelo qual elles, os heróes, se sacrificaram.

E dizemo-lhes a nossa saudade, e maldictos sejam os seus algozes, os algozes dos enforcados de Chicago, dos trucidados da Russia, dos torturados da Hespanha, do proletario soffredor e opprimido de todo mundo.

Marcellino Ramos.

1º DE MAIO

«O Congresso» faz hoje um anno. Foi a 1 de Maio de 1905 que elle veio para a arena tumultuosa da imprensa, pobre de letras, mas grande em aspirações em beneficio da collectividade dos operarios das pedreiras.

Não fez muito n'este anno, mas soube comtudo conservar altivo e independente o «Congresso dos Operarios das Pedreiras», discutindo com amor e verdade todos os seus interesses e procurando elevar cada vez mais a união dos trabalhadores.

Um anno de lutas. A unificação da nossa classe á sombra da verdade, unificação de duas associações n'uma só — O Congresso.

Tomamos parte no Congresso Operario Regional Brazileiro, que a 22 do passado teve conclusão, e que dará em resultado a creação duma «Federação dos operarios da Construcção Civil».

Em todos os actos em que a classe operaria podesse tirar proveito, lá estivemos aprendendo, e recebendo conselhos, para cada vez com mais cohesão de vistas, sabermos elevar o que nos confiaram — a dignidade e altivez da nossa classe.

Pobres de talento, de operarios faltos de cultivo, fomos guindados por necessidades de occasião, a impunhar-mos a caneta, e sermos jornalistas. Se nem sempre havemos acertado, a nossa missão era fazel-o.

Julgamos e acreditamos ter sempre pregada a União baseada no direito, e conforme os dictames da nossa consciencia.

E se hoje podemos proclamar ser o «Congresso dos Operarios das Pedreiras», a maior e a mais forte das aggremiações de classe da Capital da Republica, é devido aos esforços de todos os representantes em geral, de todos os directores, e do auxilio e união de todos os associados, a quem saudamos pela data de hoje.

Se muito já temos feito em pról da classe dos operarios de pedreiras, muito contudo é necessario fazer ainda. A união é a base solida para irmos unidos e fortes em busca do que nosso é.

Temos tambem os trabalhadores, direito de tomarmos parte directa no banquete da vida, temos tambem regalias a buscar, temos e devemos tambem querer-mos para nós a felicidade a que todo individuo tem direito.

E' pelo que temos combatido no nosso posto, é pelo que combateremos sempre.

De nada valerão os tropeços que possamos encontrar, o nosso ideal de verdade e luz, é superior a todos os ataques que pelos nescios nos possam ser dirigidos.

Tem hoje o operariado das Pedreiras, quem lhe cogite de seus interesses, que lhe defenda a sua dignidade offendida, quem se encarrega de vigiar e acautela-los das malhas da burguesia exploradora e miseravel.

Para terem muito mais, para terem mais direitos e regalias, depende unicamente da união de todos os trabalhadores em pedreiras, á sombra do pavilhão de paz e concordia da sua associação de classe — O Congresso dos Operarios das Pedreiras.

E para isso o que é necessario? Somente o operariado dessa grande classe ter vontade, e saber reconhecer os direitos de homens livres no seio da natureza livre, e mãe commum de todos os individuos.

No seio da nossa aggremiação existem somente irmãos, não se discutem nacionalidades, religiões, ou modos de pensar, somente sabemos amar todos n'um só amplexo do mais acrisolado carinho os que no nosso seio vêm commungar na mais sã e mais real de todas as communhões humanas — o ideal da superverdade.

O nosso jornal faz hoje um anno. E' preciso fazel-o crescer, augmentar, e para tal contamos com o vosso esforço, de vós depende essa realidade.

E' preciso congraçar esforços, sermos todos unidos e fortes, elevar-mos cada vez mais o Congresso dos operarios das pedreiras, e isso depende de vós tambem.

Sêde unidos pois, trabalhadores em Pedreiras.

Na data de 1º de Maio, enviamos aos nossos consocios jornaes operarios, associações obreiras, e aos trabalhadores de todo o mundo, um amplexo fraternal de amor e solidariedade.

An-Mur.·.

Dia 1º de Maio

Não sei, meu caro leitor, se as linhas de um rabiscador obscuro vos poderão agradar; em todo caso irão satisfazer algum coração que sobre tudo ainda, como eu,ha necessidade de vos lembrar que o dia 1º de Maio significa para nós a affirmação de um protesto e não uma festa pomposa de alegria; significa ao mesmo tempo o nosso sentimento pelos nossos saudosos companheiros martyres de Chicago, que no anno de 1887 foram enforcados pela burguezia, por haverem capitaneado o primeiro e collosal movimento grevista em prol da jornada de 8 horas, e como protesto contra a exploração.

Costume era dos romanos, quando os seus grandes generaes alcançavam victorias estrondosas fazerem-se na Capital do mundo formidaveis cortejos de triumpho: é natural, é justo que o homem depois de realizar homericas emprezas, quer na conquista da liberdade ou noutro qualquer feito, rejubile e triumphe e tenha o premio de seus meritos e fadigas.

A festa do 1º de Maio tem tido o funesto dom de protrahir a questão social para as calendas gregas onde estupidamente e criminosamente, se obstinaram na sua realização; é preciso sahir da rotina e abrir caminho por vias certeiras.

Historiemos pois as formas sucessivas da manifestação do 1º de Maio.

Em Genessi, na America, já se pensava ha muito tempo na diminuição de horas de trabalho, queria-se estabelecer uma jornada normal de 10, nove e até 8 horas.

Em 1884 a Federação das associações operarias dos Estados Unidos e Canadá approvou e expediu uma circular declarando a jornada de 8 horas jamais seria um facto se não quando as mesmas associações as conquistassem directamente; ao mesmo tempo foi determinado que este dia normal de 8 horas seria inaugurado por todos os trabalhadores Norte-Americanos no 1º de Maio de 1886.

Fixada esta data a imprensa anarchista, sobre tudo o «Arbeiter Zeitung» do grande Spiez desenvolveram a maxima actividade na preparação dos animos e consciencias: chega emfim o Maio de 1886: todos tinham os olhos fixos em Chicago aonde se daria a grande e decisiva batalha: Spiéz escrevera na occasião artigos eloquentes.

Com effeito no dia 3 de Maio era geral o movimento, excepto a fabrica de Cornick.

Neste mesmo dia cerca de 10.000 homens, indo convidar aquelles perfidos e estupidos companheiros, encontraram a fabrica parapeitada e baricada, e logo surge a policia republicana atacando o povo que se defende á pedra e a tiro como pode: isto sobresaltou os animos.

No dia 5, dia fatal e terrivel, celebrou-se na praça Haimarket um grande comicio, mas convinha á burguezia da republica annular-lhe o effeito: uma força de 375 policias municiados foi deliberadamente occasionar a desordem, o panico e o massacre: morreram oito policias e cerca de noventa operarios além de muitos feridos.

Quadro de carnificina a tragedia espantosa dos martyres de Chicago!

Ora pois, é sabido que o dia 1º de Maio para nós operarios é de sentimento de protesto e ao mesmo tempo de reivindicação dos nossos direitos, assim como se vê a deliberação do ultimo Congresso dos Operarios Francezes, que na data de hoje vae proclamar a jornada de 8 horas: custe o que custar nenhum operario trabalhará mais nem um segundo.

Vamos a ver se o operariado do Rio de Janeiro «madarrento e marrasmado» accorda para a luta e desperta para a vida.

Saudando pois este dia de reivindicação, envio aos camaradas de todo o mundo um abraço de sincera fraternidade.

Saúdo tambem com a maior satisfação pelo seu 1º anniversario o nosso Jornal «O Congresso».

Antonio da Silva Barão.

Luxo e mizeria

Companheiros, a nossa sorte depende de nós, filiando-nos na nossa associação para todos juntos pugnarmos pelos nossos direitos em prol de nossos filhos que tambem têm direito á vida como o filho do burguez — este goza de todas as regalias em quanto o filho do operario, o nosso filho, goza das privações de tudo que, egualmente do outro, lhe pertenceria se não tivesse nascido embaixo de uma estrella ingrata que o não protegeu, devido á pouca comprehensão de seu pae — pois este nasceu na obscuridade e nella quer ficar todo o tempo de sua vida — nasceu escravo e quer deixar seus filhos tambem na escravidão — porque anda sempre com medo que o seu patrão o mande embora, por elle lhe pedir o que lhe é pertencente não só para elle como para aquelles que lhe são caros.

Elle nasceu escravo da burguezia, vive na escravidão e quer deixar seus filhos tambem na escravidão — e isso, companheiros, é triste, é covardia da nossa parte. Façamos por nossos filhos mais do que nossos paes fizeram por nós, vamos todos juntos mostrar aos parasitas que tambem nos somos filhos da natureza como elles e temos direito á vida, temos direito a gozar como elles das mesmas regalias, pois elles só vivem do nosso suor, valem-se da nossa fraqueza, da nossa miseria, pois nos somos os que edificamos os palacetes para elles abitarem, fazemos o pão para comerem, atrelamos os animaes para elles passeiarem com as suas amantes, frequentam os melhores theatros, os bons hoteis, cavalgatas e outras diversões conforme der a vontade, emquanto os nossos filhos vivem em uma casa que não passa de um chiqueiro, aonde nos e elles mal temos ar e luz sufficientes, aonde reina toda sorte de epidemia e é soberana a tuberculose que dezima a maioria dos operarios; olhai, companheiros para as filhas do povo como se reconhecem em meio das burguezas: estas todas cheias de nove horas, todas cheias de brilhantes, cheias de pomada nem querem que as filhas do povo lhe toquem a roupa por medo que l'ha sujem, ellas todas nitidas e vestidas de seda emquanto a operaria mal cobre o corpo e come um pedaço de pão duro e um feijão mal cozido e pouco, e a burgueza come o que ha de bom e de melhor — companheiros não, não tenhais medo, diante do quadro desolador, de enfrentar a morte por amor e salvação de vossos filhos, porque por elles tudo deveis fazer, tudo sacrificar para sua libertação, não os deixeis ficar na escravidão — libertai-os — sabeis meus companheiros que o escravo de outr'ora fazia parte do capital de seu patrão, tanto que este tinha interesse de zelar, embora com muita tyrannia, á sua conservação, e como o escravo de hoje o dizem livre o capitalista não se importa que elle morra por eccesso de fadiga e má nutrição ou victimado por catastrofe no trabalho.

Por isso, companheiros, em vista que a escravidão de hoje é ruim quanto a antiga, vamos á luta, imitemos os nossos companheiros d'alem mar, vês como elles se batem em prol de sua liberdade, façamos o mesmo; uma vez unidos faremos ver a esses usurpadores que um dia chegou para o nosso protesto, dizendo em altos brados — já basta de tanta tyrannia, já basta de tanto viveres a custa do nosso suor: agora, miseraveis, já não tendes mais escravos — manda teu capital te proteger como outr'ora, parassita cobarde, féra desumana: olha para tantas viuvas desamparadas, tantas crianças orfãns na flôr de sua vida, todas victimas da tua ganancia, da tua tyrannia, porque o autor de seus dias foi victima de tua hipocrisia, quando elle te pedia clemencia tu respondias-lhe com uma gargalhada sarcastica, não te commovia o espirito e nem te lembravas que era um ser vivente com direito a vida como tu, porque tem a mesma natureza como tu.

Meus companheiros, em nome dos sacrosantos emblemas do nosso estandarte, vos suplico que vos filieis aos vossos irmãos que lutam em prol de todos. Rogo-vos em nome do dia 1º de Maio, dia sacrosanto commemorativo do supplicio dos nossos companheiros, cruelmente assassinados pelos potentados cobardes, esses companheiros heroes e martyres que se sacrificaram em nosso beneficio, e a quem mando dessas columnas a minha saudade.

E nesta esperança saúdo vos tambem e vossas familias e todos que vos são caros e sou e serei sempre o vosso humilde e sincero companheiro.

Manoel J. Gomes.

INCOSCIENCIA
dos companheiros que ainda não fazem parte da nossa associação.

E' destes que hoje me vou occupar, porque não posso a menos de censurar o modo

porque elles procedem, pois faltam de solidariedade com os companheiros que se têm sacrificado a beneficio de todos e tem conquistado com a propaganda e a luta a mais desinteressada mas tenaz, beneficios enormes a classe toda dos canteiros.

Alludem alguns companheiros que não quierem fazer parte de sociedade alguma por não serem de indole revolucionaria e se enganam. A sociedade não é, não, um agrupamento de operarios com intuitos sanguinarios, a sociedade não chama a si os operarios da sua classe para fazer guerra, mas sim para recuperar o que até hoje nos foi barbaramente roubado, e isso conseguiremos na melhor paz que se possa imaginar e unicamente pela união de todos nós e unanime accordo nas relações que nós prendem ao capitalista.

A sociedade quer agremiar no seu seio todos os operarios n'um laço de solidariedade e de fraternidade porque visa o congraçamento de toda a classe para unidos procurar a nossa liberdade e um futuro melhor, e é por isso que ella, companheiro, te chama a si, pelo bem de todos nos e teu.

Companheiro, deixa de dormitar na incosciencia, juntate a nos, porque precisamos comer melhor e descançar mais o corpo por demais fatigado e mal nutrido, precisamos morar em casas mais hygienicas, precisamos vestir melhor a nos e nossas familias—e tudo isso hoje é muito caro e o nosso salario por demais mesquinho, insufficiente.

A sociedade entende que os operarios só devem trabalhar oito horas, estudar e devagar-se oito horas, e oito horas dormir, isso para que todos conservem a saude e cultivem o espirito.

Situação como a que nos encontramos actualmente não é possivel que continue, os tempos modernos têm exigencias modernas, e não é admissivel que continuemos na miseria e na escravidão.

Vinde pois a nós, companheiros, a sociedade vós espera pelo vosso bem, pelo bem de todos os seus filhos.

Rio, 19 de Abril de 1906.

A. Barreiro.

EU VOS SAUDO

E' pois hoje, 1º de Maio, que o jornal «O Congresso» defensor da nossa causa, commemora o seu primeiro anniversario.

Sim, apezar de seres ainda de pequeno formato não deixas por isso de, nas tuas curtas columnas, fazeres a justiça necessaria contra aquelles que procuram accumular centenas de contos de reis para poder viver no mais elevado luxo, tu o jornal que constantemente combates contra o capital reclamando nossos direitos e a nossa liberdade, tu que nas tuas minusculas columnas vaes pregando a Verdade e insinuando-a no cerebro de todos nós, falando alto dos nossos direitos, pois é a ti, pequeno jornal, que eu devo o que sei e o alivio que já vou encontrando na minha vida, e, sendo assim, não podia de forma alguma deixar passar desapercebida uma data tão fausta para mim, pois me glorio em dizer alto de ter cooperado com todas as minhas forças para a vida e propaganda do jornal «O Congresso» como assim de ter recebido cultura e luzes lendo as suas modestas mas inspiradas columnas, sempre em batalha contra o capital e os preconceitos da ignorancia.

«O Congresso» representa mais um passo adiante, mais uma conquista e uma força na encarniçada luta contra o burguez, pois elle se bate com um denodo e uma audacia que admira a todos.

Congratulo-me pois por tão auspiciosa data, e faço votos sinceros e entusiasticos pelo engrandecimento do nosso jornal que com tanto ardor nos defende e ampara.

«O Congresso» defende e apoia não só a nossa classe como todo o operariado em geral, fazendo-se echo das necessidades e da angustia que afflige aos trabalhadores e chicoteia á fogo os exploradores do nosso suor.

Só depois de nos todos reconhecermos o nosso dever é que chegaremos á comprehensão dos nossos direitos, para isso porém é necessario ler com attenção as columnas do jornal operario, que se impõe como uma grande necessidade para a nossa instrucção, para a nossa existencia, para a reivindicacão dos nossos direitos.

O jornal operario é para nós como a liberdade para o captivo: é o pharol que serve de guia a humanidade soffredora para sahir do captiveiro e emancipar-se.

O jornal operario é o baluarte inexpugnavel dos opprimidos, é a sentinella que vigia o inimigo e lhe dá combate sem tregoa, portanto é nosso dever auxiliar esse jornal que luta pelo nosso bem estar e defende os nossos direitos.

Saúdo pois o jornal «O Congresso» e seu energico redactor, saúdo a Commissão toda do mesmo jornal, a quem declaro a minha gratidão pelos ensinamentos que em suas columas me deu, augurando-lhe um futuro prospero e que em breve possa elle, com sua voz poderosa, dar nos o grito da ultima battalha que ha de rechassar no abismo a autocracia do militarismo e do clero, essas duas seitas negras e maldictas.

Rio, 1· de Maio de 1906.

Affonso Gomes.

REMEMBER!

Festeja-se hoje o primeiro de Maio, epopéa grandiosa, simbolo do universal protesto, grito de reivindicação que lançam, de todos os cantos do mundo civilisado, milhares de rebeldes, opprimidos, desherdados, famintos e nús.

Tudo será dito neste dia. Não haverá ninguem que não recorde o 1º de Maio teve sua origem em Chicago, cidade norte-americana, em 1887, com a primeira greve geral revolucionaria que teve lugar no mundo, com o fim de plantar a jornada de 8 horas de trabalho, base de uma serie de reformas que se faziam necessarias, sem deixar de recordar as victimas gloriosas desse grande acontecimento: Spies, Parrons, Fischer, Engel e Ligi, heróes soberbos, magnificados pela Suprema Anarquia, immoladas á bestial ferocidade da plutocracia americana, corrupta e insaciavel.

Todos saudarão o 1º de Maio, dia no qual os antigos povos pagãos da Grecia e Roma saudavam a volta da juventude, do amor e das flores que a primavera fazia brotar como promessa de felicidade, culto que a ignominiosa Igreja Catholica deturpou e corrompeu, como deturpou e corrompeu tudo o que era bello e natural, todos o saudarão como o grandioso dia da reivindicações proletaria que já se annuncia no horizonte, elevando hymnos revolucionarios de amor e de odio, de liberdade e de vingança.

Todos recordarão que temos passado mais um anno aguilhoado, como o antigo Prometheu no Caucaso, á ferrea, á iniqua, á degradante cadeia da escravidão, um anno mais de vergonhosa covardia, de miserias, de roubos, explorações.

Poucos deixarão passar desapercebidos este dia, que é o maior, o mais glorioso que registra a historia, porquanto foi o primeiro grito de rebeldia, o primeiro despertar do proletariado, não havendo um peito que não entõe uma estrophe, um canto, como para demonstrar aos nossos oppressores que estamos já preparados para a lucta que brevemente vamos emprehender por nossa emancipação, — por nossa liberdade total.

Muitos dirão, sem duvida, que este 1º de Maio, é o ultimo anniversario que solemnisamos na escravidão e que o proximo passaremos illuminados pelo refulgente Sol da Liberdade Total, da Suprema Anarchia.

Tudo será dito neste dia. Tudo será lembrado. Só uma coisa, porém, será esquecida. Emquanto todos explicam aos trabalhadores o significado desta data mystificada pelos farçantes e pelos hypocritas,

para que elles ao abandonarem o trabalho o façam conscientes do acto que realizam, eu saio da minha obscuridade para lembrar o que é esquecido, para lembrar o que deve ser feito.

Os diarios, os periodicos e as revistas extrangeiras têm fallado largamente dos recentes successos que vem desenrolando na infeliz Espanha, a terra da caciquismo e da inquisição, cuja historia seria superfluo reproduzir-mos aqui? recordaremos que um punhado de bravos companheiros, que não estão de accordo com o presente estado social, pelo unico motivo de pedir um augmento mais do amargo pão negro, foram atropelados, maltratados, torturados barbaramente nos labregos calabouços dos hespanhões pela canalha policial, e por fim condemnados.

Leiam, leiam os que tem coração, leiam aquelles cuja sensibilidade o torpe regimen burguez não conseguiu destruir, leiam: «Em Alcalá del Valle», diz um jornal hespanhol, «impera el jesuitismo».

«En Alcalá del Valle se estan cometiendo las más atroces brutalidades en formas inquisitoriales». «En ese desdichado pueblo vuelve á renacer los tenebriosos tiempos de los Torqemados y Arbues». «Las autoridades españolas, con saña feroz, estan martirizando á los obreros, que el delito por elles cometido, fué el pedir de sus tiranos una mejora en las condiciones del trabajo».

«Obreros con los testiculos rebentados, apaleados y escarnecidos, martirizados com artilhas de caña puestas entre las uñas y carne, con los huesos triturados, mujeres embarazadas que han abortado en los calabozos».

Pois bem. A unica attitude que corresponde ao momento presente, ao dia de hoje, dia da festa internacional do trabalho, é, em lugar de fazer da data de hoje uma «mascarada politica, uma festa burgueza, com musicos, discursos», etc. formular um terrivel anathema contra a reacção militar na Espanha.

Eis um momento em que devemos dar provas de que somos homens dignos, e devemos dar provas, lavrando o nosso protesto contra os actos de verdadeira selvageria da inqualificavel burguezia hespanhola, accudindo ao appello de solidariedade que o comité internacional de Paris fez em favor das victimas dos inquisidores hespanhões, unindo nossos esforços aos de todos os homens dignos e justos que lá fóra, trabalham para conseguir a liberdade dos nossos desgraçados irmãos de mizeria e de soffrimento.

Nossa dignidade de homens exige esta attitude de franco protesto, como exigem os laços de solidariedade que nos unem aos nossos irmãos de Espanha que com tanto dessassombro lutam contra o infame capital e o despotico Estado, convictos do dever supremo que temos de anniquillar estas duas forças bestiaes, para assim podermos sahir da escravidão e da oppressão em que vivemos condemnados por uma classe composta de parasitas e de verdugos.

Nós outros, trabalhadores, que padecemos a miseria que padecem todos os trabalhadores do mundo e soffremos os mesmos vexames, ainda porque os nossos interesses, quaesquer que sejam a nossa nacionalidade, são identicos, como identicos são os interesses dos nossos inimigos espalhados pelo globo, devemos adherir á agitação internacional que se faz lá fóra, formosa alma de solidariedade que libertará os nossos companheiros de Espanha e estreitará cada vez mais os laços de fraternidade que existem entre todas as victimas do regimen burguez.

Devemos mostrar tambem a nossa indignação e o nosso odio profundo contra aquelles que no seculo XX se servem ainda da tortura para reprimir as idéas de liberdade e de

O ex-calceta ia protestar contra esta dadiva; mas ella fel-o calar, e lhe disse no tom mais affectuoso ao mundo:

Acabaes de praticar uma das mais elevadas acções que ennobrecem os homens; a verdadeira nobreza consiste na pratica do bem! Ide, e que Deus vos abençõe.

E estendeu-lhe a mão.

O Napolitano era um colosso de força; mas a generosidade da fidalga, as suas palavras tão affectuosas, enfraaqueceram-lhe o animo, e apenas poude dizer:

Nobre senhora, não sou digno de tanta generosidade; V. Ex.ª é uma senhora nobre e eu sou um miseravel!

Dizendo isto, uma torrente de lagrimas começou a deslisar por entre as mãos com que pretendia escondelas; e proferindo um «adeus nobre senhora» encamina para a porta falsa aonde esperava o velho feitor, tambem commovido.

Quando sahiram, D. Elvira murmurou:

Uma bella alma, a d'este mancebo!

Depois deu livre curso ao pranto que lhe borbolhava nos olhos, dizendo ainda por entre soluços: «Heis no que consiste a verdadeira nobreza».

Por este coloquio entre ella e o Napolitano, pode o leitor fazer uma ideia muita justa do caracter honestissimo, e da virtude que ornavam o espirito d'aquella fidalga que acima dos seus pergaminhos antepunha a benevolencia, a razão e a igualdade, muito ao contrario da fidalguia chã e presumida que, reconhecendo a inutilidade dos seus pergaminhos falsificados lucta, por apresentar uma nobreza verdadeira na arrogancia de seu ca-

ex-calceta, um desgraçado de quem ninguem se tem compadecido até hoje. Vivo do furto e do crime. E' mais o tempo que tenho passado na cadeia que em liberdade. Desde pequeno fiquei orphão de paes, e sem parentes aonde podesse encontrar o abrigo e educação de que tanto carecia. Ajuntei-me com alguns infelizes como eu, e dentro em pouco tornei-me conhecido de toda a policia dando repetidas entradas na cadeia. A sociedade não tem curado da educação dos orphãos, e se porventura pode haver uma instituição para esse fim, os seus dirigentes só acceitam os orphãos que levarem enxoval e umas tantas moedas! Eu não tinha nada; era escorraçado de todos, todos fugiam de mim como se foge de um assassino, e obriguei-me a furtar para comer! A prisão não servia senão de me iniciar mais no crime, e logo me soltavam para que viesse praticar novos crimes de que eu não podia separar-me. Portanto, minha senhora, sou um criminoso talvez indigno de ser bem olhado pelas pessoas nobres! Apezar d'isto tudo, nunca desci a praticar cobardias, nem assassinatos. Sou humano, e não me soffre o animo ver injustiças nem barbaridades. Fui eu que raptei a filha de V. Ex.ª!

—O senhor!

—Felizmente. E digo felizmente, porque se não fosse eu a pobre creança não seria já do numero dos vivos.

—Jesus! exclamou a fidalga junctando as mãos. Aonde está ella?!

—Peço a V. Ex.ª que se tranquillise. O meu proposito ao denunciar tão repugnante crime, é mostrar a V. Ex.ª os verdadeiros criminosos, e restituir á vida

justiça, patenteando ainda a nossa sympathia por esse braço justiceiro que procurou castigar á um dos culpados de tantas atrocidades e de tantos crimes.

Sejamos homens, certos de que a solidariedade internacional que libertou Batacchi na Italia, arrancou Dreyfus da Ilha do Diabo, abriu as portas das masmorras as victimas de Xerez, Mano Negra, Montjuich, essa moderna Bastilha que para vergonha dos homens deste tempo e para gloria dos verdugos e carrascos como Portos e Mazas ainda existe, libertará as victimas de Alcalá del Valle.

Sejamos homens. O silencio é a maior das covardias.

Marchemos pela solidariedade para a liberdade. O povo liberto da servidão economica e da degradação secular, livre dos deuzes e dos senhores, deve procurar sua emancipação na anarchia. O individuo se tornará livre na sociedade livre e nós não teremos mais a lucta senão o livre accordo para a vida, nós pediremos ao accordo a ordem que a violencia tinha destruido.

Lancemos, semeemos na consciencia popular, a semente purificadora e fecunda da anarquia, que florecerá um dia, bella e imponente, para o renovamento da especie humana.

Abaixo a tyrannia?

Abaixo o caciquismo inquisitorial.

Viva a Solidariedade Internacional!

Viva a Revolução Social!

Viva a Anarchia?

1. de Maio de 1906.

Antonio Vidal Martinez.

CONGRESSO OPERARIO

Realizou-se o 1º Congresso Operario Brasileiro cujas sessões foram de 15 a 20 do mez de Abril com grande concurrencia de operarios de todas as classes.

As deliberações tomadas por enorme maioria e assim aconselhadas ás actuaes e ás futuras organizações operarias excederam a nossa espectativa e oxalá que essas resoluções sejam tomadas a serio pela classe trabalhadora, pois que da sua execução advirão resultados beneficos para todos os opprimidos.

O modo por que se encaminharam as discussões e a orientação que sempre se seguiu foi a «acção directa», o meio que sempre julguemos mais util para as nossas reivindicações.

Não damos aqui uma circumstanciada noticia das resoluções e dos themas resolvidos porque isso nos tomava tempo extraordinario de que não podemos dispor, e por termos a certeza que em breve será destribuido um folheto para elucidar os operarios nesse sentido.

Com mais tempo e depois desse folheto publicado faremos minuciosas explicações das resoluções que é preciso adoptar para chegar-mos ao fim almejado.

Desde já aconselhamos os nossos camaradas a lutar de accordo com o resolvido no Congresso Operario que é o caminho mais recto que temos para alcançar as melhoras a que temos direito.

A resistencia por todos os meios, aos ataques dos exploradores capitalistas impõe-se, é preciso que não nos deixemos illudir com vãs promessas, é preciso encarar-mos sempre os capitalistas como inimigos encarniçados que nos quer subjugar a todo o transe para com facilidade nos roubar.

A conquista das 8 horas de trabalho é uma necessidade absoluta, pois não pode haver felicidade sem que todos trabalhem e tenhão garantido os meios da subsistencia, por tanto companheiros todo o tempo é demora e prejuizo, é preciso que todos se preparem para segundar a luta que hoje se inicia na França e Hespanha, é preciso que nós operarios explorados e roubados por todas as formas não fique-

essa pobre creança para quem fiz convergir todos os meus cuidados e carinhos.

—Falle, senhor! Peço-lh'o por piedade!

—Não fui eu só quem raptou a creança

E o Napolitano contou a D. Elvira tudo quanto se tinha passado, não esquecendo os menores detalhes, e accrescentando que tinha em seu poder todas as provas sufficientes para levar á prisão os verdadeiros criminosos.

—E essas cartas?! perguntou ella suspeitando das arguições do ex-calceta.

—Estão aqui!

E mostrou-lh'as.

A infeliz viuva escondeu o rosto entre as mãos e poz-se a chorar. Tinha reconhecido a lettra e assignatura do filho, bem como os apontamentos de Arthur de Severim. Não havia que duvidar. A verdade estava ali com todos os seus horrores!

Apoz algum tempo de silencio levantou o rosto banhado de lagrimas e disse:

Por piedade, senhor, conduza aqui a minha pobre filha! dar-lhe-hei muito dinheiro! O que o senhor quizer...

—Já disse a V. Ex.ª, disse o napolitano gravemente, que não venho exigir uma quantia em troca dos meus serviços, nem sou tão miseravel que deixa ao ponto de roubar creanças para as entregar depois a troco de uma recompensa! Já disse a V. Ex.ª todas as circumstancias que revestiram esse rapto, pelas quaes acabo de demonstrar e provar que fui um instrumento inconsciente das machinações odiosas de uns...

—Infames!

—Não queria dizer tanto para não magoar mais o espirito de V. Ex.ª.

Portanto, limito-me a dizer lhe que a menina Blandina não pode vir para esta casa aonde a sua vida correria iminente risco. Aquellas pessoas são capazes de tudo! Eu cuidarei de a mandar educar, se isso lhe apraz, porque actualmente está sob a vigilancia de uma pessoa em quem deposito toda a confiança. E juro-lhe, senhora, que a educação da creança nenhuma relação terá com o meu modo de viver. Por outra é muito provavel que as coisas mudem, e então poderá V. Ex.ª tomar conta d'ella

—E não podereis trazel-a aqui para eu, ao menos, poder vel-a?!

E' possivel, porem muito arriscado. Esta casa está vigiada por adeptos do miseravel Severim que obedece ás ordens do outro... e...

—Comprehendo. Fazei um sacrificio, e peço-vos que guardeis a este respeito o mais absoluto segredo.

—Isso é dos livros, minha senhora.

—Vireis aqui muitas vezes, não é verdade? Não me deixeis muito tempo anciosa por ver a minha pobre filha! Tende caridade para ella e para mim!

Oh! minha nobre senhora, por quem é peço-lhe que socegue e se tranquillise: eu juro-lhe pela memoria de minha mãe, que será mais facil estrangularem-me do que eu abandonar essa creança! Juro-lh'o!

Obrigada.

E D. Elvira chamou pelo Jeronymo que se achava de traz da porta falsa e disse:

Entrega a este senhor, cincoenta pintos em prata, e acompanha-o até ao Porto, se elle d'isso necessitar.

mos na rectaguarda dos Operarios de outros paizes.

Avante pelas 8 horas.

M.

ABAIXO A INQUISIÇÃO! TODOS POR TODOS!

Viva o primeiro de Maio, abaixo a inquisição, todos por todos!

Abaixo a inquisição que tem torturado, assassinado, os filhos mais generosos do povo, os nossos irmãos mais amados, os martyres do nosso ideal libertario, — abaixo a inquisição filha do orgulho da prepotencia do roubo da ignorancia do vicio, mancha negra que deturpa a humanidade, indigna de paizes que se dizem civilizados, e só digna de governos que sò visam o roubo pela violencia, a injustiça pela intriga e pelo crime, o poder pela ignorancia, pela superstição pela forca pela bastilha, a calumnia pela fraude e pelo sacrificio da Verdade.

Abaixo a inquisição, abaixo os verdugos os velhacos que opprimem o proletario.

Companheiros, todos por todos, acabemos com esses restos de barbarie e de despotismo, fazemos de nos todos uma sò vontade, esmaguemos a vibora burgueza.

Companheiros, ainda uma vez: Viva o 1º de Maio, abaixo a inquisição, todos por todos!

Marcellino.

Socialismo e Paz

Depois da saude e do pão, a paz é para o homem o maior dos bens, e isto é tanto assim, que, sem ella, não póde haver pão nem saude. Esta affirmação de si evidente, não precisa de auctoridades que a perfilhem. Mas se ellas fossem necessarias, caberia aqui invocar os nomes de quantos homens tem sabido por sua vez pensar e sentir, desde Budha e Tolstoi, desde Christo a Victor Hugo.

Mas a paz não é um estado natural, senão um producto da civilisação. O estado natural é a guerra. A sciencia moderna veio n'este ponto dar razão a Spinoza e a Hobbes. A cultura faz a paz, como faz a moralidade, o direito, a sciencia, a riqueza. A paz como a machina, é um producto da industria humana.

O esteio firmissimo da paz está na harmonia dos interesses, e estes não são de si harmonicos, conforme demonstrou de modo concludente Proudhon ao refutar os optimismos de Bastiat. Para que os interesses se harmonisem é mister realizal-os, organizal-os, submettel-os á lei, pol-os de accordo, fazer tambem n'essa esphera o que já se intentou conseguir na ordem das idéias e das paixões. Por isso a doutrina do «laissez faire», que consiste em deixar que actuem as forças naturaes sem nenhuma intervenção humana. é realmente uma doutrina de selvagens. Vencer a natureza com os meios que ella nos faculta, é a formula do progresso. As forças naturaes nunca produzirão por si sós uma boa organisação economica, como nunca seriam capazes de produzir um livro, uma locomotiva, um codigo.

A organisação capitalista é o producto bruto d'essas forças. Ahi têem porque o capitalismo é a guerra. Provam-n'o os factos dia dia. Guerra de individuo para individuo, lucta encarniçada e sem piedade pela fortuna e o prazer. Guerra de empreza contra empreza, disputando-se o triumpho nas tremendas rivalidades da concorrencia. Guerra de classe para classe, defendendo os privilegiados o seu privilegio injusto. Guerra de nação contra nação, guerra de conquista e rapina, como a da Inglaterra na Africa austral e a da Russia no Extremo Oriente. Guerra de todos contra todos: o productor contra o consumidor, o patrão contra o operario, o capitalista contra o proprietario, o funccio-

porque não lhe dava grande cuidado um máo encontro, tomou por aquelle que lhe pareceu mais perto e já algumas vezes havia atravessado.

Indubitavelmente seguiu a direcção do Porto, porque pelas trez horas da tarde passava em frente do cruzeiro de S. Mamede d'Infesta, e parava a pouca distancia de uma taberna que havia então no predio que hoje faz esquina para a estrada e para a rua que se acha em frente da egreja d'esta freguezia. A sua attenção foi despertada pela algaravia do Salta-paredes sustentada em presença de dois camponios que bebiam uma pinga depois de terem mourejado o dia inteiro nos serviços da lavoura.

Era elle. ou o Diabo em figura d'elle, porque o nosso Napolitano não o pôde reconhecer senão pela voz. Talvez o facto que agora o Salta-paredes envergava com ademane de *gentleman*. Vestia um fato completo e novo. Está visto que não sabia empregar mal o seu dinheiro.

O primeiro impulso do Napolitano foi dirigir-se para elle, mas reflectindo em dois pontos principaes, primeiro: que havia quebrado todas as relações com elle, segundo: que a sua intervenção poderia ser funesta, resolveu observar do sito em que estava, os movimentos do ex-companheiro.

Que fará elle por estes sitios, murmurou comsigo. E esperou.

Não havia decorrido vinte minutos quando o Salta-paredes interrompeu a sua algaravia para consultar o seu *caldeirão*. Depois d'isto tornou-se silencioso Os seus ouvintes apoiaram a sua conversa e elle sahiu da taberna.

Era quasi noite, não tanto pelo adiantado da hora, senão pelo escuro das nuvens que occultavam o sol. E foi grande o pasmo do Napolitano quando viu que o Salta-

racter indomavel, irrascivel no absurdo dos mais estupidos preconceitos! E é na virtude, na innocencia e na honestidade que a egreja procura as suas victimas!

Afora o fanatismo, D. Elvira possuia uma alma nobre e capaz de grandes feitos e de grandes recompensas. Porem, a egreja tinha-lhe atrophiado o cerebro e espalhado no seu espirito a idiotisse que em outro tempo o Nuncio do papa e Cardeal Legado Caprara espalhava e entranhara no espirito da mãe do grande Napoleão, a qual acreditava cegamente em almas do outro mundo, duentes e phantasmas que não existiam senão na sua imaginação supersticiosa! Assim D. Elvira não podia estar só, tinha medo e chamava para ao pé de si a Roza, que se affastava só quando chegava alguma visita.

O seu amor de mãe, forte como é esse solido amor, havia esfriado com as ingratidões e desvairamentos do filho perverso. Arthur de Severim representava para ella o demonio vingador que não podendo arrebanhar a alma da mãe arrebatou o filho para o inferno.

O Napolitano foi conduzido para fóra do palacio pela passagem secreta, guiado pelo Jeronymo que ia commovido e pensativo. Quando chegaram á Quinta fel-o entrar na sua casinha, e ahi lhe entregou a quantia que sua ama ordenou lhe fosse dada.

Falta uma coisa ainda E' acampanhal-o segundo a ordem da senhora, disse o feitor.

Ah, não é preciso. Sei o caminho. Alem d'isso é necessario que eu parta só. Poderiamos ser encontrados pelo fidalguinho, ou pelo seu demonio, e n'este caso perdido o meu plano de salvação. O snr. ouviu tudo quanto se passou entre mim e D. Elvira?

nario contra o contribuinte, o industrial contra o agricultor, o viticultor contra o cultivador... A discordia é a base fundamental do regimen capitalista.

O socialismo é a paz. A phrase que nos labios de Napoleão III ou do Imperador Guilherme da Allemanha só devia tomar-se como sarcasmo apenas os socialistas podem com razão pronuncial-a como irrefutavel realidade. Não procuram elles a paz em principios religiosos, que aliáz ninguem observa, nem em vagos sentimentos humanitarios que tambem pessoa alguma pratica, mas firmam n'a na solidariedade dos interesses humanos, coordenados n'um regimen onde cada um encontre no bem estar dos outros o seu proprio bem-estar. Só o trabalhador possue hoje a consciencia d'essa solidariedade. Só o operariado offerece agora exemplos de concordia, no meio da desassociação de todos os elementos sociaes originada pelo egoismo burguez. O povo operario sente-se um unico povo, passando por cima de toda a divisão de nações e fronteiras. O elemento salariado por todas as partes se organisa, e por todas as partes realisa os milagres da associação. Os trabalhadores de todos os paizes, de todos os officios, reciprocamente se amparam e protegem nos seus conflictos com o capital. Por convicção e por interesse, o operario é o inimigo natural das contendas internacionaes.

Esta ultima circumstancia basta só por si para compensar com vantagem todos os inconvenientes que com mais ou menos dose de sinceridade, se attribuem ao socialismo. Diz-se que a organisação socialista, diminuindo o estimulo, enfraqueceria a producção: mas acaso arrancaria ella dos campos e das fabricas gerações inteiras, em plena juventude e florencia das energicas productoras, para as encerrar dentro dos quarteis? Avança-se que a regulamentação do trabalho implicaria uma administração minuciosa e cara. Mas chegaria ella a produzir sequer o esteril e espantoso dissipamento que importa a manutenção da guerra ou da simples paz armada? Affirma-se que a centralisação socialista iria offender a liberdade individual. Comtudo pode haver maior attentado contra essa liberdade do que a servidão militar, verdadeira continuação em nossos dias da velha escravidão? Assim, mesmo admittindo o juizo apaixonado que do regimen socialista fazem os seus natutares adversarios, tal regimen resultaria ainda immensamente superior ao actual só pela consideracão unica de que, dentro d'elle a guerra se tornaria impossivel.

Se o socialismo dá a paz ao mundo, sahindo victorioso na empreza em que o Evangelho falliu, nenhuma das revoluções de que se conserva memoria terá prestado á Humanidade um serviço tão eminentemente superior.

Alfredo Calderon.

Congresso União dos Operarios das Pedreiras

1º DE MAIO

As 8 horas da manhã sahirão da séde social commissões acompanhadas pelos socios que estiverem presentes e irão aos cemiterios espalhar flores sobre a sepultura dos nossos companheiros fallecidos.

—

As 11 horas haverá uma sessão solemne na séde social commemorativa de 1º de Maio.

—

A 1 hora da tarde os socios irão assistir o grande comicio de protesto em homenagem ás victimas de Chicago e pela reivindicação dos nossos direitos.

—

O Comicio realiza-se no Largo de S. Domingos a 1 hora da tarde.

Espera-se que os socios appareçam numerosos na séde social.

Não devo occultar-lhe a verdade, mas devo advertir-lhe que sei ouvir e calar, de mais a mais quando se tracta de interesse para minha ama.

Bom, pois é necessario que não transpire coisa alguma do que se passou. Julgo desnecessario recommendar-lhe o mais absoluto segredo.

Póde partir perfeitamente descançado. E' verdade, esquecia-me perguntar-lhe quando é que volta?

A' manhã, ou depois, quando tiver arranjado boa collocação para a creança.

Era conveniente que viesse do meio dia ás duas da tarde. De manhã vem os medicos, e pelas quatro horas vem outras visitas.

E o filho?

Esse raras vezes vem.

E o companheiro?

Desde o dia do rapto que ainda não voltou.

Quando eu vier posso bater á porta da Quinta?

Sim senhor.

Bom, adeus.

E o Napolitano deslizou rapidamente por entre os arbustos da Quinta, e desappareceu em breve.

Este é fino como um coral, murmurou o feitor vendo-o partir com toda a ligeireza.

Eram tres horas da tarde, e o tempo conservava-se bastante fresco O sol não poderá derreter a neve que cahira com abundancia na noite precedente. Nuvens carregadas percorriam o astro, impellidas pelo vento que começava a soprar fortemente do sul, e os habitantes do ar esvoaçavam em redor das arvores, das cornijas das casas em busca de um refugio contra a tempestade que se pronunciava cada vez com mais força. O in-

verno no campo é insupportavel, a primavera é o roseiral em flor, a vida juvenil a desabrochar sob a influencia de um ar impregnado do aroma indefinivel das mil flores, de mil matizes, odoriferas, aonde ha a inspiração das grandes elegias, do lyrismo sublime dos nossos melhores poetas e prosadores, e em summa, aonde, n'uma palavra, se encontra o encanto apaixonado de uma lua de mel, um sorriso da vida humana, um supremo regosijo do cerebro inventivo do homem.

A visinhança das proximidades do palacete interrogava-se mysteriosamente á cerca de D. Elvira, sobre os motivos que a determinar a vir habitar o campo n'uma quadra invernosa. Uns affirmavam que isso fora devido aos ares que os medicos lhe preceituaram como linitivo a uma enfermidade que a perseguia desde ha muito, outros, pelo contrario, eram unanimes em se declararem contra esta hypothese, e juravam que na vida de D. Elvira se dava um facto que era mysterio, mas que o tempo o diria.

A fidalga era bem conhecida no conselho de Bouças, e a sua familia contava ali muitas amizades inolvidaveis, porém n'esta occasião ninguem se lembrava de a cumprimentar, porque andavam todos os maiores contribuintes do conselho empenhados em derrubar o ministerio que, segundo elles, praticavam toda a casta de prepotencias, por onde se conclue que a nossa politica padece de um mal que já vem de traz. Portanto, os mais influentes andavam em campo de um para outro lado, e nas casas dos abastados não se fallava outra coisa.

O Napolitano atravessara em poucos minutos todo o espaço que o separava da estrada Para chegar até ella não sabia outro caminho, posto que o houvesse e mesmo